

INTERAÇÃO NAS SALAS DE AULA VIRTUAIS: PERCEPÇÃO DISCENTE

Mariana de Araújo Cabral ¹
Jessiane Dayane Soares da Silva ²
Suely Sales de Araújo ³
Tânia Lucia Amorim Colella ⁴

RESUMO

A interação discente-docente e discente-discente assim como a percepção dos estudantes acerca delas durante as aulas remotas são a chave para se chegar ao problema de pesquisa do presente trabalho que foi: qual a percepção discente sobre a interação nas aulas virtuais? Tendo por objetivo geral compreender a percepção discente sobre as interações vivenciadas nas aulas virtuais em período remoto. Quanto aos específicos, espera-se conceituar o ensino remoto e uso do ambiente *online*; identificar a visão dos discentes acerca da interação nas aulas remotas; debater a realidade dos estudantes acerca das interações nos ambientes virtuais de aprendizagem. Na metodologia, quanto aos objetivos ela é exploratória, de acordo com as fontes de dados ela é bibliográfica e segundo os procedimentos de coleta de dados ela foi de levantamento. Chega-se ao fim do trabalho com a percepção na importância da interação para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Linguagem; Interação; Comunicação; Ensino *Online*.

INTRODUÇÃO

Em decorrência da pandemia e a promulgação do isolamento social, a ministração das aulas migrou do ambiente presencial para o ensino remoto. Não havendo aviso prévio, os docentes e discentes precisaram se adaptar rapidamente às discussões mediadas por vídeo chamadas e outros meios de comunicação virtual.

Diante disso, faz-se necessário compreender e discutir, à luz da linguagem, sobre como tem sido essa troca de informações e conhecimentos, quais os impasses e percepções por parte dos discentes, buscando assim compreender as interações durante as aulas.

A interação entre discentes e docentes refletem as relações pessoais que implicam em formas de linguagem. A partir da experiência do componente curricular Linguagem e Cognição no curso de graduação em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, psicomarianacabral@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jessianedayanev@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, susales15@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Mestre, Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, colellatania@hotmail.com.

(UFPB), nos deparamos com o pensar acerca da relação discente-docente na dimensão da linguagem.

Em vista disso, para conhecer a realidade, buscou-se entender o ambiente virtual com base numa revisão de literatura e desenvolveu-se uma coleta de dados por meio de um questionário disponibilizado pelo Google *Forms*, com quinze perguntas, tendo obtido uma amostragem de 51 estudantes universitários, os quais responderam a questões objetivas e subjetivas.

Os resultados mostraram que há uma introspecção dos discentes referente a participação nas aulas, sobre o receio de abrir a câmera no ambiente virtual de aprendizagem. Faz-se necessário esclarecer que, embora as atividades presenciais tenham sido substituídas temporariamente por aulas remotas, o formato usado ainda ocorre de forma síncrona em alguns encontros, portanto com a “presença” do professor em tempo real, o que possibilita a comunicação referente ao conteúdo da disciplina, dúvidas sanadas quando surgem no momento da aula, por vídeo ou por chat e em outro horário por meio do *WhatsApp*.

Diante do que foi discorrido anteriormente, questiona-se qual a percepção discente sobre a interação nas aulas virtuais? Esse trabalho teve por objetivo compreender a percepção discente sobre as interações vivenciadas nas aulas virtuais em período remoto. Quanto aos específicos, espera-se conceituar o ensino remoto e uso do ambiente *online*; identificar a visão dos discentes acerca da interação nas aulas remotas; debater a realidade dos estudantes acerca das interações nos ambientes virtuais de aprendizagem.

METODOLOGIA

Quanto aos objetivos ela é exploratória, pois trata-se de uma primeira aproximação com o tema, na busca de dados. Já de acordo com as fontes de dados ela é bibliográfica e segundo os procedimentos de coleta de dados ela foi de levantamento.

Essa pesquisa exploratória que envolve um levantamento bibliográfico se deu por meio de um questionário pelo Google *Forms*, contendo 15 perguntas, sendo sete abertas e oito fechadas. Dessas sete abertas, três foram para delimitar nossa amostragem e quatro como um espaço para respostas de caráter qualitativo. Já, das oito fechadas, duas foram para entender nossa amostragem, enquanto as outras, para analisar dados referentes ao estudo.

A pesquisa possui caráter qualitativo, levando em consideração a definição de Flick (2009, p.16), que nos diz que ela “usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas

perspectivas dos participantes”. Sendo assim, nesse estudo, busca-se a percepção da amostragem de estudantes para compreensão da linguagem em sala de aula online.

Utilizou-se também do método quantitativo, que segundo Richardson (1999, p. 70), se utiliza da quantificação dos dados utilizados na pesquisa, tanto na aquisição dos dados, quanto no tratamento deles. Para analisar os dados quantitativos para identificação da amostra, fez-se uso do SPSS (Statistical Package for the Social Science 25). Quanto às informações qualitativas, foram selecionadas respostas para citação nesse presente estudo, as que apontassem ângulos diferentes para discussão da temática.

REFERENCIAL TEÓRICO

O momento atual da escrita do presente artigo, se configura por uma portaria do Ministério da Educação (MEC), o qual, em caráter excepcional, liberou as aulas em sistemas híbridos e remotos, devido à pandemia do COVID-19, e a falta de vacinas para o retorno às aulas presenciais com a devida segurança.

Ao constatar isso, esclarecemos as diferenças entre o ensino remoto e ensino à distância (EaD), que se configuram como distintos, mesmo aparentando ter o mesmo formato e proposta para muitos. Segundo Silva, Cabral e Souza (2020), o remoto possui um caráter de ensino personalizado para as turmas, diferente do EaD, padronizado para um contingente significativo de alunos.

Para Santos (2019), a educação online é vista não como uma modalidade de ensino, mas como um fenômeno da cibercultura que vai além do uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Com isso, espera-se que apesar de distância geográfica, os membros de uma comunidade virtual estejam potencialmente interagindo entre si com conjunto de ações de ensino-aprendizagem (SANTOS, 2019). Ele oferece uma interatividade mais próxima entre discente-docente, por meio de encontros síncronos e assíncronos.

Em virtude disso, é preciso destacar que existem outros mediadores importantes nessa sala de aula. “A mediação docente é uma ação de coordenar as práticas dos estudantes na construção do conhecimento em grupo, de articular conversas com e entre os estudantes, cruzar ideias, mobilizar e partilhar reflexões e debates densos.” (SANTOS; CARVALHO; PIMENTAL, 2016, p. 26).

As metodologias utilizadas em salas de aulas foram modificadas para a utilização de tecnologias de forma ativa, assim como o uso dos recursos midiáticos para que os discentes

pudessem compreender, na linguagem de forma fácil. Visando assim, uma comunicação eficaz entre professor e aluno.

Partindo-se desse pressuposto da readaptação da sala de aula física para a sala de aula virtual conduzindo-o por mudanças para além da linguagem e comunicação frequente, mas a forma de se relacionar mudou em vista do qual era normalmente utilizada. Podendo então engendrar pelos aspectos da tecnologia da linguagem, que também não é um produto, mas uma tecnologia que usamos diariamente nas nossas relações interpessoais.

Para Denise Braga (2013), a atribuição das culturas e complexidades das relações sociais é a capacidade do homem de “criar ferramentas de linguagens” (2013, p. 25). Há uma ascensão em decorrência das tecnologias, sejam elas ferramentas ou linguagens, permitindo que a linguagem seja responsável por moldar a própria mente humana.

Para uma acomodação mais efetiva do conteúdo, Lopes e Vieira (2019) nos diz que a afetividade é importante nas aulas remotas, para ofertar uma aprendizagem significativa, acreditando que a afetividade está ligada ao desenvolvimento cognitivo e à busca de conhecimento. Necessitando assim, de dois pontos: o conhecimento prévio e a intencionalidade.

Ao percorrer pela evolução da linguagem encontramos diferentes aspectos na linguagem oral, escrita, chegando até a digital. A linguagem oral é a mais antiga tecnologia de comunicação encontrada na história (LÉVY, 1993). Proporcionando estabelecer relações de comunicações uns com os outros, diferenciando homens de animais.

Portanto, quando os sons e expressões corporais passaram a fazer sentido em determinados contextos sociais e “fora do contexto imediato onde estavam o falante e o ouvinte” (BRAGA, 2013, p. 26), quando abrangeu a condição de transmitir sentimentos e pensamentos; então deram origem à comunicação mais precisa entre os indivíduos do grupo social. No entanto, esse tipo de tecnologia exigia a presença física face a face para que a comunicação pudesse ser estabelecida dentro do grupo social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra agrega 51 respondentes com idade em um intervalo de 18 a 52 anos ($M = 27,7$; $dp = 6,89$), sendo 70,6% do sexo feminino e 29,4% do sexo masculino, pertencentes, em sua maioria da UFPB (70,6%). Todavia, há uma diversidade advinda de outros centros universitários, como por exemplo, FESP, FAMENE, UFRJ, UFRN, UNIPÊ e outros. Quanto

aos cursos, a maior representatividade é da psicopedagogia, somando 14 discentes, seguidos de 10 graduandos de fonoaudiologia.

Em relação a experiência de sala de aula, apenas 37,3% (19) estão estudando componentes curriculares com sua turma de origem, o que indica que a maioria (62,7%) está dispersa em outras salas, o que interfere na interação e comunicação no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). 43,1% afirmaram que ao estudar sem sua turma de origem se sentem menos comunicativos do que o costume. Ainda assim, 27,5% asseguraram que não se sentem menos comunicativos, somados à 29,4% que apontam que se sente assim as vezes.

Em seguida, foi dada a oportunidade para que os discentes comentassem sobre a experiência em uma sala desbloqueada, destaca-se algumas respostas: "ser aluno desbloqueado em uma turma desconhecida gera um sentimento de não pertencimento, de estar sendo julgado por pessoas que não te conhecem. Não é uma boa experiência, ainda mais quando a turma não é acolhedora"; "Me sinto livre em outras turmas, principalmente por ninguém me conhecer. A sensação de liberdade é maior"; "O desconhecido nos causa incômodo, receio é medo. A possibilidade de julgamentos nos paralisa. Todavia, é necessário estar aberto as novas possibilidades."

Com isso, percebe-se que a dificuldade de interação pode estar embasada nos membros da turma, na abertura e no acolhimento demonstrado. Esse é um dos fatores que pode gerar uma linha de diálogo direta entre discente e professor, renunciando à comunicação assertiva entre aprendentes que estão agrupados ali em busca de saberes que podem e devem ser compartilhados entre si. Ainda assim, há quem se sinta mais livre para discutir e debater ao estar inserido em grupo de pessoas não conhecidas.

Diante disso, é preciso estar atento a cada um dos motivos que se tornam empecilho para interação conforme a realidade de cada sala de aula. Essa ação de compreender e ver além da exposição de conhecimento do docente, deve ser feito em ação conjunta, com participação dos alunos e professores. De igual forma, o movimento em busca da mudança e melhoria, também é responsabilidade de todos.

Adentrando mais nos questionamentos, perguntou-se sobre como os respondentes caracterizam o que é interação, no sentido de linguagem e comunicação. Na multiplicidade das respostas, pode-se encontrar alguns falando de forma mais geral, como por exemplo: "Uma maneira de tentar tocar, se comunicar com o interlocutor através de diversos signos, seja linguístico, visual ou de linguagem mista", "Troca de informação, percepções, experiências, diálogo, interpretação da comunicação verbal e não verbal".

Por outro lado, no âmbito do AVA, é possível notar qual o entendimento em relação a como deve ser uma interação em sala de aula, a saber: "Interação é comentar sobre os assuntos da aula, seja no chat, seja com o microfone ligado", "Responder o professor quando ele faz alguma pergunta, abrir a câmera durante a aula, fazer comentários pertinentes e questionamentos".

Com isso, vê-se a caracterização da interação como sendo um processo ativo que exige ações do aluno para com a turma, e em especial, com o professor. Apesar do entendimento geral, é necessário identificar se isso de fato é posto em prática e como os estudantes se sentem em relação à comunicação no ensino remoto. Acerca dos AVA's mais utilizados, os respondentes fazem uso, do *Google Meet* e outros meios para vídeo chamada (98%), *WhatsApp* (72,5%), *SIGAA* (68,6%), *Moodle* (31,4%) e outros.

Nesse sentido, a percepção discente em relação aos meios de comunicação, a maioria aponta que 64,7% acham que respondem às necessidades e 62,7% consideram eles de forma prática. Apesar disso, mesmo com baixos percentuais, 7,8% declararam achar invasivo, 7,8% caracterizaram difícil. Para acréscimo das informações 23,5% se julgaram interativo nas aulas, em contraste com 15,7% que responderam que não são. Entretanto, 60,8% afirmam que essa interação depende da aula.

Apesar dos números, eles não são suficientes para qualificar a postura dos discentes em sala de aula, por isso, expõe-se algumas considerações: "tenho vergonha de ligar a câmera e fazer perguntas já que muita gente não pergunta justamente por conta dos rostos desconhecidos da aula remota", "Até me considero interativa, mas sou mãe solo e depende do dia se quero/posso interagir, tem aulas que instigam a se comunicar e tem outras que não", "Sou muitas vezes introvertido e não gosto de falar se não for necessário. Porém se caso for, me expressarei bem e se me sentir à vontade a interação perdurará até o fim da aula".

Essa informação, em potencial, mostra que há diversos fatores que podem influenciar os aspectos comunicativos em sala de aula. É relevante identificar essas variáveis e discutir sobre elas para fugir da ideia social de culpabilidade em relação ao docente e sua metodologia usada durante a aula. Percebe-se a interferência de fatores sociais, e até características pessoais como a introspecção.

Para conclusão da discussão, os respondentes foram questionados se eles se consideravam interativos nas aulas. Logo, 23,5% opinaram que sim, em contraste à 15,7% que disseram que não. Contudo, 60,8% comentaram que sua interação depende da aula. Com isso, faz-se necessário buscar compreender o que causa essa variação entre a introversão e extroversão.

Dentre os comentários, encontram-se: “me considero ansiosa, atingindo diretamente e muito na prática de falar em público”; “Eu me programo para a aula como se estivesse indo para o presencial. Separo os materiais, me arrumo e quase o tempo todo apareço na câmera”; “Depende muito do assunto, e da pessoa que está a frente conduzindo, ou a forma da dinâmica que leva as aulas”; “A interação é um vetor importante no processo de aprendizagem. Se o aluno não expõe suas dúvidas se fecha ao aprendizado, fica paralisado frente as trocas de conhecimento”.

Com a grande variedade de motivos para justificar a ocorrência e a sua forma de interação em sala de aula, percebe-se a busca por adaptação em relação ao uso de AVA's para aprendizagem. A pandemia chegou modificando todos os processos rotineiros de estudo e impondo mudanças necessárias para continuidade do processo de ensino-aprendizagem enquanto mantenedor do isolamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do trabalho, considera-se que a interação entre docente-discente e discente-discente é de fato fundamental para a construção da aprendizagem. Todavia, não se pode avaliar um processo de ensino-aprendizagem apenas sob o aspecto da interação, é preciso compreender que há outros fatores a serem observados, os quais podem alavancar ou soterrar a perspectiva positiva dos alunos sobre os momentos de aula.

Portanto, apesar da adversidade que nos impõe as salas virtuais, ainda são os professores e alunos os principais autores no processo de ensino aprendizagem. Ao ser oportunizado estratégias que se adaptem aos diferentes contextos de nossos estudantes e compreendendo suas particularidades. Lembrando sempre, que nossas casas não são salas de aula com ambientes específicos pensados e preparados para que os agentes da educação desfrutem do momento de ensino com o mínimo de distrações e máximo de participação.

Deixa-se a necessidade de discutir estratégias em busca de melhor adaptação em meio ao uso de tecnologias no ensino remoto, em decorrência da percepção acadêmica sobre o fato. Todavia, implica-se também a importância de buscar compreender também o posicionamento e o sentimento dos docentes em relação a tudo isso. Ademais, pode-se agregar também a escuta para discentes do ensino médio e fundamental, visto que eles também estão incluídos nesse novo cenário de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRAGA, D. B. Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, E. Pesquisa-formação na cibercultura. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, E. O.; CARVALHO, F. S. P.; PIMENTEL, M. Mediação docente online para colaboração: notas de uma pesquisa-formação na cibercultura. Campinas, SP, Educação Temática Digital, v. 18, n. 2, p. 23-42, 2016.

SILVA, J. D. S.; CABRAL, M. de A.; SOUZA, S. C. M. A transição do ensino presencial para o ensino remoto à distância em meio ao COVID-19. RevistAleph, n. 35, 2 abr. 2021.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOPES, Ana Lúcia de Souza; VIEIRA, Marili Moreira da Silva. AMBIENTE VIRTUAL DE ENSINO E APRENDIZAGEM: INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA, AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA. *In*: FERREIRA, Gabriella Rossetti. Educação: políticas, estrutura e organização 3 – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.